

COMPARATIVO ENTRE AS RESPECTIVAS VISÕES DO CÉU/PARAÍSO EM A *DIVINA COMÉDIA* E *APOCALIPSE*

COMPARING THEIR VISIONS OF HEAVEN / PARADISE IN THE *DIVINE COMEDY* AND *APOCALYPSE*

Francisco Kelvis Albuquerque Cavalcante¹

franciscokelvis7@gmail.com

Ângelo Bruno Lucas de Oliveira²

angeloboliveira@gmail.com

Resumo: O presente estudo tem como finalidade a análise de duas visões do céu/paraíso: a de Dante, em a *Divina comédia*, e a de João, em *Apocalipse*. Associa, desse modo, uma visão essencialmente literária, mostrada em *Divina comédia*, uma de forte teor religioso: a de João em *Apocalipse*, incontestada, diferente da de Dante, pelos cristãos. O nosso ensaio é de natureza essencialmente comparativa, buscamos apresentar as semelhanças constatadas em ambas as narrativas, visando a uma melhor analogia entre os dois textos.

Palavras-chave: Céu. Comparativo. Visões.

Abstract: The present study has as purpose to examine two visions of heaven / paradise: Dante's in The Divine Comedy, and John's in Apocalypse. Associating thus an essentially literary vision, shown in The Divine Comedy, a strong religious content: to John in Apocalypse, incontestable, differently of Dante's, by Christians. Like our study is essentially comparative, we present the similarities found in both narratives, seeking a better analogy between the two texts.

Key words: Heaven. Comparative. Visions.

1 Considerações iniciais

Desde muito tempo, o homem busca descortinar os mistérios da pós-morte. Seja por meio de lendas, de narrativas, ou ainda de relatos que, segundo vários de seus narradores, são verídicos. Inúmeros são os textos que relatam viagens de pessoas aos lugares reservados aos mortos. A aparição desse tipo de narrativa não é recente, tampouco se restringe a relatos remotos, pois textos que nos contam viagens de seres humanos ao céu, ao inferno, ao purgatório ou até mesmo ao limbo são, na história da literatura, total ou parcialmente, frequentes e não se restringem a determinado período, haja vista que o homem, até hoje,

¹ Graduando do curso de Letras-habilitação em língua portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

² Graduado em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestre em literatura comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorando em literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

almeja saber o que o espera além do plano terreno. Algumas das estadas são feitas com os personagens ainda em vida, como se percebe no apócrifo de Enoque³, que faz, guiado por anjos, uma viagem ao céu. Portanto, o mistério acerca da existência de possíveis lugares que esperam o ser humano após a vida permanece e, não diferente deste, continuam também a surgir livros, textos ou simples relatos de pessoas que afirmam convictamente que já estiveram nos lugares supracitados. Os dois textos que analisaremos, tanto a *Divina comédia*/paraíso quanto o *Apocalipse* de São João, são relatos de visões tidas pelos seus respectivos escritores, consoante as narrativas, ainda em vida. Ambos são de eminente relevância e foram, de século em século, bastante difundidos e lidos por incontáveis leitores. Ainda hoje, têm sido alvo de inúmeros estudos, tanto de ordem religiosa quanto literária.

Tais obras foram escritas em contextos e com finalidades diferentes. *Apocalipse* foi escrito em um momento conturbado, de vasta perseguição aos cristãos por parte do império romano. João e os demais seguidores de Jesus buscavam implantar definitivamente no plano terreno, mediante a divulgação dos preceitos cristãos, o cristianismo e seus ensinamentos. A *Divina comédia*, por sua vez, foi escrita no período de transição da Idade Média para o Humanismo, período em que a Igreja começava a perder força, pois o homem passava a centrar-se mais em si. Contudo, não são escassas as semelhanças, principalmente as de viés descritivo, presentes nas narrativas. E são essas semelhanças que enfatizaremos em nossa análise.

2 A intercessão e a louvação a Deus

As semelhanças iniciam-se antes mesmo da escrita, já que ambos os escritores, tanto Dante quanto João, estavam exilados no momento em que escreveram seus respectivos livros. Dante, exilado em Ravena, graças a questões políticas; e João, em Patmos, por questões de natureza religiosa.

Passemos, pois, aos textos em si. Tanto Dante quanto João não ascendem aos céus por suas próprias forças. Tal ação parece requerer o auxílio de uma divindade genuinamente digna do espaço celeste. Esta divindade atua, nessas dadas circunstâncias, como uma espécie de guia enviado de Deus aos novos visitantes. Dante, após passar pelo inferno e pelas penas do purgatório, alcança, enfim, a graça de ir ao lugar sagrado. Todavia, antes de subir ao paraíso, o poeta recebe a ajuda de Beatriz, que já ocupa uma posição privilegiada no mesmo local,

³O livro de Enoque possui certa semelhança com o livro *Apocalipse*, de João. Nele, Enoque ascende ao céu, tendo várias visões; o livro, porém, não constitui o cânon bíblico.

para chegar ao tão almejado paraíso. O apóstolo João, igualmente à figura pretérita, não tem acesso às visões do céu por meio de suas próprias energias. Ele, por sua vez, recebe comando de um espírito que lhe aparece em um dia de domingo. Vejamos a figura do intercessor no relato apocalíptico:

No dia do Senhor, o espírito tomou conta de mim. E atrás de mim ouvi uma voz forte como trombeta, que dizia: “escreva num livro tudo o que você está vendo. Depois mande para as sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia”. (Ap 1, 10-11)

Percebemos, pelo menos na verificação dos textos em estudo, que, para contemplar o âmbito primeiro do espaço cristão sagrado, os dois escritores necessitaram de um intercessor divino.

Outro aspecto que se faz presente nos dois livros é o tom de louvação a Deus. As criaturas benignas que povoam o espaço sagrado estão em constante ato de engrandecimento da divindade máxima do cristianismo. Apesar de existir, em a *Divina comédia*, uma aura mais tranquila, enquanto, em João, há a predominância de um clima mais conturbado, peremptório às pretensões de Jeová para com a humanidade, percebemos que, independentemente da atmosfera, há a ação contínua de louvação ao Deus cristão. Tanto que Dante contempla, em sua estada no nono céu, nove coros angélicos. Em muitos outros instantes da narrativa, não são escassos os seres que cantam a glória de Deus. A própria Beatriz o faz no início do canto VII do “Paraíso”: *Hosanna sanctus Deus sabaoth/ Super illustrans claritate tua/ felices ignes horum malacoth!*⁴ (ALIGHIERI, 2002, s/p).

Não diferente, é claramente perceptível, no livro apocalíptico, o teorlouvacional. No capítulo quatro da escritura do apóstolo, constatamos a presença, ao redor do trono de Deus, de vários seres que glorificam o sublime ser de modo assíduo. Não exclusivamente no capítulo citado, identificamos tal engrandecimento, contudo, ao longo do relato, essa prática faz-se inerente àqueles que lá estão perante Deus.

3 A interação entre o terreno e o sagrado

Nos dois livros, certificamo-nos de que as figuras dos escritores, dentro das suas referentes narrativas, não equivalem a meros observadores. Eles estão em constante relacionamento verbal com os habitantes divinos ao seu redor. Estes, não diferente, dirigem-se

⁴Esta espécie de cântico, entoado por Beatriz, significa: salve, santo Deus dos exércitos, que iluminas com o teu clarão os bem-aventurados lumes deste reino.

aos visitantes quando assim se faz necessário. Em a *Divina comédia*, Dante tem inúmeras dúvidas elucidadas por Beatriz sobre o domicílio dos bem-aventurados, os votos que não foram cumpridos até o término, dentre outros. Em outros momentos, Dante é indagado sobre virtudes como esperança e caridade, por entes celestiais, dentre eles, certos santos canonizados pelo catolicismo, como São Tiago e São João. Em *Apocalipse*, João, algumas vezes, recebe explicações ou ordens do anjo que o guia. Às vezes, a interação ocorre com outros seres que não o anjo guiador. Observemos:

[...] são os que vêm chegando da grande tribulação. Eles lavaram e alvejaram suas roupas no sangue do cordeiro. É por isso que ficam diante do trono de Deus, servindo a ele dia e noite em seu templo. Aquele que está sentado no trono estenderá sua tenda sobre eles. (Ap 7, 14-15).

O ancião elucida ao apóstolo o destino glorioso daqueles que venceram as grandes tribulações em nome de Deus. Estes, agora, receberão a recompensa: “nunca mais terão fome, nem sede; nunca mais serão queimados pelo sol, nem pelo calor ardente” (JOÃO, 1991, apud BÍBLIA). O fator interacional, por conseguinte, é explícito nas duas narrativas, já que, em ambas, notamos a interação dos respectivos visitantes com os seres celestes. Essa interação, porém, ultrapassa o viés gesticulatório e alcança o plano verbal, já que a comunicação não se dá apenas por gestos, mas por diálogo.

4 A luminosidade inerente a Deus

A luz e o brilho são normalmente associados a céu/paraíso, sendo este um local divino. Culturalmente, tem-se a ideia pré-estabelecida de que a claridade é um aspecto fundamental e ilustrativo do bem. Em contrapartida a isso, temos a escuridão, que remete a uma força maligna. O inferno é tido e divulgado como um local escuro, de dor, de sofrimento, onde a pouca claridade advém das chamas que martirizam os pecadores indignos do Criador. O paraíso, no entanto, é difundido como um âmbito repleto de luz, de brilho, de ouro, já que o ouro é uma matéria reluzente, e, além de tudo, um lugar profícuo àqueles que o habitam.

Ao tecer algumas considerações sobre a etimologia do vocábulo *deus*, Souza, citando Frisk, explica: “Básico é o radical *deiws*, cujo sentido preciso, segundo Frisk, é *altebenennungdeshummels*, quer dizer, ‘antiga dominação do céu’, para designar ‘deus’ cujo sentido primeiro é luminoso, claro, brilhante...” (SOUZA, 1997, s/p). Nas narrativas examinadas, a constatação não difere da concepção supracitada, pois tanto no livro de João quanto no de Dante, a luz faz-se arraigada. Seja no ambiente, seja nos próprios seres celestes.

No relato bíblico, são inúmeras as referências ao brilhante, como podemos perceber no capítulo nove, em que há um trono dourado diante de Deus, ou no capítulo dez, em que o rosto do anjo, que desce do céu, é como sol. Os sete anjos, que saem da tenda do testemunho, têm suas respectivas vestimentas compostas por linho puro e brilhante, além de estarem cingidos com cintos de ouro.

No paraíso representado por Dante em *A Divina comédia*, a luz faz-se ainda mais chamativa. Lembremos que dos três livros que compõem a comédia dantesca, o paraíso é o que possui menos representações artísticas relativas à pintura, porque pouca são as características físicas atribuídas por Dante a esse espaço. Seu ambiente é composto essencialmente por luz. Dificulta, assim, seu desenho. Em Dante, muitos dos seres também reluzem, prova disso são as almas resplandecentes que rodeiam Beatriz e o poeta de Florença, no canto X do “Paraíso”. O brilho, pois, tem presença explicitamente fortificada nos dois relatos, tendo em conta sua pertinência nas narrativas.

5 A presença de uma numerologia

Outro fator coincide nas duas obras: o comparecimento de uma numerologia, ainda que não tenham a mesma finalidade simbólica. Observemos o que afirma Féret acerca da numerologia contida no livro apocalíptico:

Doze assinala também uma plenitude e parece mais especialmente ligado, por nosso autor, à designação da Igreja; haverá doze portas na Jerusalém celeste, como houve doze tribos de Israel e doze apóstolos do cordeiro. E, querendo assinalar-se a multiplicidade inumerável dos eleitos, falar-se-á de cento e quarenta e quatro mil, que é igual ao quadrado de doze multiplicado por mil, número do que é incalculável. (FÉRET, 1968, s/p).

Percebemos, pelo enunciado acima, que o livro apocalíptico traz, sim, uma numerologia. No presente caso, o número doze. O referido cardinal, como bem assinala o autor, designa a Igreja de Cristo, contudo também a plenitude, sendo ela um dos principais caracteres que fazem referência ao Deus cristão. Todavia, outro número tem relevância no âmago do relato joânico: o número sete. Tal número tem grande representação para a doutrina cristã e, portanto, forte ligação com o Criador, já que foi em sete dias que Deus criou o homem e tudo que o rodeia e, no sétimo, descansou como relatam os escritos bíblicos. Sete são os pecados capitais⁵. Sete também os sacramentos da igreja católica apostólica romana,

⁵Os chamados pecados capitais não constam na bíblia, pois essa concepção surgiu na Idade Média, contudo se arraigou na tradição.

uma das religiões cristãs. As virtudes cristãs contabilizam-se em um total de sete. Em suma, é nítida uma numerologia correspondente às crenças cristãs no livro do apóstolo João. Já no paraíso dantesco, um número tem grande destaque ao longo da epopeia religiosa: o algarismo dez. Em seu artigo, em que estuda as semelhanças do paraíso de Dante com os textos apócrifos, Gaspari destaca a pertinência do algarismo dez no texto de Dante: “Constante no paraíso de Dante são: a luz, o dez, os guias, a música, a paz, o louvor, a hierarquia e, sobretudo, a grande criação literária” (GASPARI, 2011). Logo, notamos a real presença do número dez em a *Divina comédia*.

Para o cristianismo, conforme alguns biblistas, o referido número assume significância, principalmente no que diz respeito aos gentios. Noé foi, de acordo com sua linhagem, o décimo homem a suceder Adão. O mesmo Noé é tido como o pai dos gentios. No capítulo dez do livro Gênesis, ocorre o primeiro reino dominado por gentios, o qual terminará com dez tribos. O número três apresenta-se também com corrente consistência não somente no paraíso, mas em todo livro dantesco. Lembremos que o paraíso, igualmente ao inferno e ao purgatório, é todo escrito em tercetos, sendo que trinta e três cantos são o total de cantos que constituem o paraíso. Todo esse realce do dígito três remete à santíssima trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Por conseguinte, após as palavras tecidas aqui, fica claramente nítida a presença de números simbólicos nos textos em exame, embora não sejam os mesmos, ou ainda não tenham idêntica significância, porém sempre relacionadas, de algum modo, à doutrina religiosa primária do ocidente.

6 A visão máxima

Dentre as variantes semelhanças das narrativas, um fato tem diferenciada valia, sendo ele a sublime visão do Deus Criador. Como seres terrenos que o são, João e Dante não poderiam desejar maior dádiva do que contemplar visualmente o Deus onipotente. Na história bíblica, poucos foram os homens que alcançaram tal privilégio: “Ninguém jamais viu a Deus: quem nos revelou Deus foi o filho único, que está junto do pai”. (Jo 1, 18). Contudo, no livro de Êxodo, podemos perceber que Moisés dialoga face a face com Deus. Constatemos:

Você não poderá ver o meu rosto, porque ninguém pode vê-lo e continuar com vida”. E Javé disse ainda: “Eis aqui um lugar junto de mim: fique em cima da rocha. Quando a minha glória passar, eu colocarei você na fenda da rocha e o cobrirei com a palma da mão, até que eu tenha passado. Depois tirarei a palma da mão e me verás pelas costas. Minha face, porém, você não poderá ver. (Êx 33, 12-25).

Embora tenha realmente ficado frente a frente com Jeová, Moisés não pôde observar o Seu real semblante, já que, na condição de pecador, o retirante do Egito não resistiria à visão de Deus em toda a sua glória e esplendor divino. O exilado de Patmos, durante sua estada no céu, contempla a Deus. “Havia no céu um trono e, no trono, alguém sentado. Aquele que estava sentado parecia uma pedra de jaspe e cornalina; um arco-íris envolvia o trono com reflexos de esmeralda”. (Ap 4, 2-3). Apesar de não nomear o ser descrito, sabemos que a tradição cristã o define como o próprio Deus. Na narrativa apocalíptica, João acaba por captar uma imagem imprecisa de Deus, não o distinguindo como Deus. Porém, inquestionavelmente, observa-o.

Dante, no apogeu de sua viagem, apresentado por São Bernardo, vê Deus, no entanto tal graça só foi possível através da intercessão da virgem Maria. Contudo, ao olhar o inefável, o poeta não consegue fixar, na memória, a vista da entidade primeira da teologia cristã. -“A viva luz, que a contemplar eu estava/ antes, como depois, sempre constante;/ mas, como, olhando, a vista se alentava,/ A imutável essência parecia/ quando só eu me transformava”. (ALIGHIERI, 2013). O poeta florentino percebe ocularmente Deus, resplandecente em sua luz. No entanto, os aspectos captados nessa visão não resistirão à sua grandeza, haja vista que Dante não mais se lembrará do acontecido em seus pormenores.

7 Conclusão

Nosso estudo, mediante as constatações feitas no decorrer do trabalho, suscita, direta ou indiretamente, a ideia de que Dante, consciente ou não, fez uso de algumas impressões deixadas por uma possível leitura do livro apocalíptico do apóstolo João. Sobretudo, nossa análise, embora de modo subjacente, traz consigo a assertiva de que a visão tradicional do céu/paraíso, à luz da crença cristã, como um lugar repleto de luz, de entes celestiais, somados à figura de um Deus onipotente raramente se desvanece ao longo das obras que constituem a história da literatura, mesmo quando os textos situam-se tão longinquamente no tempo.

Referências

- BÍBLIA. Português. **A bíblia sagrada**: edição pastoral. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- ALIGHIERI, D. **Divina comédia**. Tradução de Xavier Pinheiro. 12. ed. São Paulo. Martin Claret, 2013.
- SOUZA, J. **Mitologia grega**. v. I. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FÉRET, M. **O apocalipse de São João**. São Paulo: Paulinas, 1968.

GASPARI, S. de. O paraíso de Dante e o paraíso dos apócrifos. In: XII Congresso internacional da Abralic. 2011, Paraná. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0429-1.pdf>> Acesso em: 9 jul. 2014.